

Polícia Judiciária é babá de presos

A Polícia Civil mantém 1.636 presos em 47 delegacias em todo o Estado, retirando parte do efetivo de 1.850 policiais da atividade de segurança pública

MARCUS MONTEIRO



Chico Guedes

A delegada Selma Couto garantiu a divulgação dos dados

Presos dão ordens nas cadeias

O caldeirão efervescente que se tornou o sistema penitenciário brasileiro surpreende e assusta até um preso condenado por assalto que passou por delegacias da Grande Vitória, presídios do interior e por todas as unidades prisionais na Grande Vitória, cumprindo 10 anos de cadeia.

Condicionando seu depoimento ao anonimato José - nome escolhido de forma aleatória - fala sobre o código de ética na prisão e como é viver desviando-se da morte, resultado dos julgamentos sumários no interior dos presídios.

"Antigamente, dentro do presídio, só morria quem roubava o colega de prisão ou humilhava os que estavam chegando. Hoje, e nos últimos cinco anos, as mortes

Um verdadeiro sistema penitenciário paralelo funciona em delegacias em todo o Estado. São 1.636 presos sob responsabilidade da Polícia Civil, que não tem estrutura adequada para atender as necessidades destas pessoas, como escolta nas audiências nos fóruns e atendimento médico.

A Polícia Civil, e por consequência a Secretaria de Segurança Pública, é responsável pela administração do problema. Dos 5.176 presos no Estado, 3.551 estão sob a guarda da Secretaria de Estado da Justiça (Sejus). Os demais - 1.636 detentos - estão amontoados em 37 delegacias do interior, que abrigam 1.289 presos, e em 10 delegacias da Grande Vitória, com 347 detentos.

Exceto os DPJs e os presídios de Jardim América e Novo Horizonte, grande parte dos prédios onde ficam as delegacias eram unidades habitacionais que foram adaptadas ao longo das décadas para funcionar como delegacias.

Por força da necessidade, foram transformadas em presídios. Superlotados, provocam todas as consequências negativas que uma improvisação no setor de segurança pública e ressocialização de apenados pode ocasionar.

A Polícia Civil está calculando o custo financeiro do problema. A delegada-chefe da Polícia Civil, Selma Couto, garantiu que na próxima semana a instituição divulgará



Evaristo Borges

Risco

A superlotação das cadeias causa transtornos para os presos, para os policiais e para a comunidade vizinha

Uma conta simples revela o gasto que a segurança pública tem com o preso: são fornecidas diariamente 3.272 marmitex para alimentar este exército de homens amontoados nas delegacias. Afinal, são 1.636 detentos que precisam comer duas vezes por dia, 365 dias por ano.

Consequências

Há presos por porte de arma e uso de drogas - crimes afiançáveis - e até por furtar capim de canteiro. De acordo com dados coletados pela

Em Argolas, que era uma delegacia e foi transformada em presídio, revela Isabel Borges, da Pastoral Carcerária, a situação é a mais grave de todos os presídios administrados pela Polícia Civil. No local, há quatro celas e um corredor, onde de quatro a cinco presos disputam uma área onde caberia somente um homem deitado. Na hora, de dormir os presos se revezam em turno de duas horas.

As consequências da superlotação ficam evidentes para os familiares dos presos

redor de um metro por seis e mais as visitas", lamenta.

De acordo com ela, os presos são obrigados a ficar em pé e olhando para a parede, enquanto durar a visita. É que um acordo firmado entre eles os impede de se comunicar ou mesmo olhar para o parente do outro sem autorização expressa do colega de cela.

As quatro celas são reservadas para os presos casados receberem suas mulheres. "Mães de presos, esposas, bebês, filhos adolescentes e os próprios detentos ficam es-

Prisões banais superlotam presídios

A coordenadora da Pastoral Carcerária da Arquidiocese de Vitória, Isabel Aparecida Borges da Silva, denuncia que uma das causas da superlotação das delegacias é a banalização das prisões. São homens e mulheres presos por pequenos delitos. A pastoral carcerária acompanha os casos que chegam ao seu conhecimento durante as frequentes visitas aos presídios.

Um exemplo destes casos que a pastoral tenta resolver é o do operário Geraldo de Oliveira Valois. Ele foi condenado pela Vara Especial de Pequenas Causas a pena alternativa de doar nove cestas básicas. Geraldo doou duas cestas básicas e sumiu.

A Justiça remeteu um ofício à Polinter, solicitando que a Polícia Civil apresentasse Geraldo na Vara Especial de Pequenas Causas. De acordo com Isabel Borges, os policiais da Polinter entenderam que se tratava de um mandado de prisão e encarceraram Geraldo na delegacia de Argolas, em Vila Velha.

Depois, ainda segundo Isabel Borges, Geraldo foi transferido para a Casa de Passagem, onde ficou preso por dois meses. Somente após a insistente intervenção da pastoral carcerária é que o equívoco criado pela Polícia Civil foi desfeito.

De acordo com Isabel Borges, a Justiça encaminhou novo ofício à Polinter determinando a apresentação do pre-

me escolhido de forma aleatória - fala sobre o código de ética na prisão e como é viver desviando-se da morte, resultado dos julgamentos sumários no interior dos presídios.

“Antigamente, dentro do presídio, só morria quem roubava o colega de prisão ou humilhava os que estavam chegando. Hoje, e nos últimos cinco anos, as mortes acontecem com mais frequência por conta das broncas aqui fora”, explica.

José conta que em qualquer presídio há um grupo de aproximadamente 20 presos que formam um tipo de conselho. “É a linha de frente ou a comissão de frente da cadeia. Eles são escolhidos pela consideração que adquirem no presídio. Geralmente, um homem da comissão de frente é escolhido entre os assaltantes e estelionatários, que são considerados os mais confiáveis dentro de um presídio”, diz.

Condenado por assalto, José acredita que passou 10 anos na prisão sem sofrer qualquer retaliação, primeiro por ser 157 (condenado por assalto) e, segundo, por não “ter dado muito papo para ninguém”.

Comissão

“Eu sempre fiquei na minha. Na cadeia, quem gosta de mandar acaba morrendo. Lá não tem essa de xerife, como a Polícia diz e a imprensa publica. Quem manda é a comissão de frente, tudo na base da votação. Até mesmo se um homem da comissão de frente resolve mandar mais que todo mundo, assumindo o papel que a sociedade chama de xerife da prisão, pode acabar mal”, explica.

Ele revela que o principal papel da comissão de frente é monitorar 24 horas o presídio e antecipar-se a um possível enfrentamento entre grupos rivais. “Quando entra um cara pedido (ameaçado de morte), a comissão avisa que o cara tem que ficar no seguro. Se entrar no cadeião, é morte certa”.

Uma revelação: “A maconha acalma o pessoal. Lá dentro, o pessoal fuma para ficar tranqüilo. Acabar com o tráfico na prisão é acender o pavio de uma bomba”, disse.

foram transformadas em presídios. Superlotados, provocam todas as consequências negativas que uma improvisação no setor de segurança pública e ressocialização de apenados pode ocasionar.

A Polícia Civil está calculando o custo financeiro do problema. A delegada-chefe da Polícia Civil, Selma Couto, garantiu que na próxima semana a instituição divulgará os dados. Estão sendo contabilizados os custos com pagamento de alimentação, consumo de água e luz e para o transporte dos presos.

marmitex para alimentar este exército de homens amontoados nas delegacias. Afinal, são 1.636 detentos que precisam comer duas vezes por dia, 365 dias por ano.

Consequências

Há presos por porte de arma e uso de drogas - crimes afiançáveis - e até por furtar capim de canteiro. De acordo com dados coletados pela Pastoral Carcerária, 60% dos presos são jovens de 18 a 26 anos. Estes homens estão nas celas de 47 delegacias do Estado na total ociosidade.

ria, a situação é a mais grave de todos os presídios administrados pela Polícia Civil. No local, há quatro celas e um corredor, onde de quatro a cinco presos disputam uma área onde caberia somente um homem deitado. Na hora, de dormir os presos se revezam em turno de duas horas.

As consequências da superlotação ficam evidentes para os familiares dos presos nos dias de visita. “Todos precisam sair das celas e ficar no corredor. Se eles não cabem nas quatro celas, imagine 40 ou 50 pessoas num cor-

pé e olhando para a parede, enquanto durar a visita. É que um acordo firmado entre eles os impede de se comunicar ou mesmo olhar para o parente do outro sem autorização expressa do colega de cela.

As quatro celas são reservadas para os presos casados receberem suas mulheres. “Mães de presos, esposas, bebês, filhos adolescentes e os próprios detentos ficam espremidos naquele local, por horas, transformando o que deveria ser um dia alegre de visita num suplício”, aponta Isabel Borges.

Depois, ainda segundo Isabel Borges, Geraldo foi transferido para a Casa de Passagem, onde ficou preso por dois meses. Somente após a insistente intervenção da pastoral carcerária é que o equívoco criado pela Polícia Civil foi desfeito.

De acordo com Isabel Borges, a Justiça encaminhou novo ofício à Polinter determinando a apresentação do preso na Vara Especial de Pequenas Causas. Só assim Geraldo foi retirado da cadeia e apresentado à Justiça.

“Este é um dos inúmeros casos de injustiça praticado pela máquina estatal. Quem vai pagar o dano que uma prisão como esta causa no ser humano?”, questiona Isabel.

Gramma

O carroceiro João Jeremias dos Santos foi preso depois de pular o muro de uma grande empresa localizada na Serra para colher grama para sua égua. Ele está preso na Casa de Passagem, porque foi flagrado recentemente portando uma arma de fogo.

A despeito do drama de João Jeremias e dos demais presos que convivem com ele nos “porões da indignidade” - expressão usada por Isabel Borges para definir os presídios capixabas - os colegas de celas não o perdoam e encontram espaço para o bom humor diante do sofrimento. João é mais conhecido como “MC Serginho”, autor do funk Égua Pocotó e parceiro do Laciaia.

Como Joacir Ferreira dos Santos e José Carlos Ferreira dos Santos, existem inúmeros casos. Os dois estão reclusos há seis anos no sistema prisional esperando julgamento. “E se foram absolvidos? Quem vai recuperar o tempo perdido e o drama vivido?”, são as questões colocadas pela representante da pastoral carcerária.

Muitos sequer pensam em acionar o Estado na Justiça. “Depois de viverem a pior fase de suas vidas num presídio, onde a linha da vida é próxima da linha da morte, eles só querem ficar livres. A liberdade os basta”, explica.

Número de presos no Estado

A secretaria de Estado da Justiça administra **13 presídios** no Espírito Santo.

“Temos dois presídios virtuais: Cachoeiro e Casa de Custódia de Vila Velha”

Luiz Moulin

Há presos por porte de arma e uso de drogas - crimes afiançáveis - e até por furtar capim de canteiro



82% das prisões de mulheres foi por envolvimento com drogas



60% dos presos são jovens de 18 a 26 anos



Nos presídios

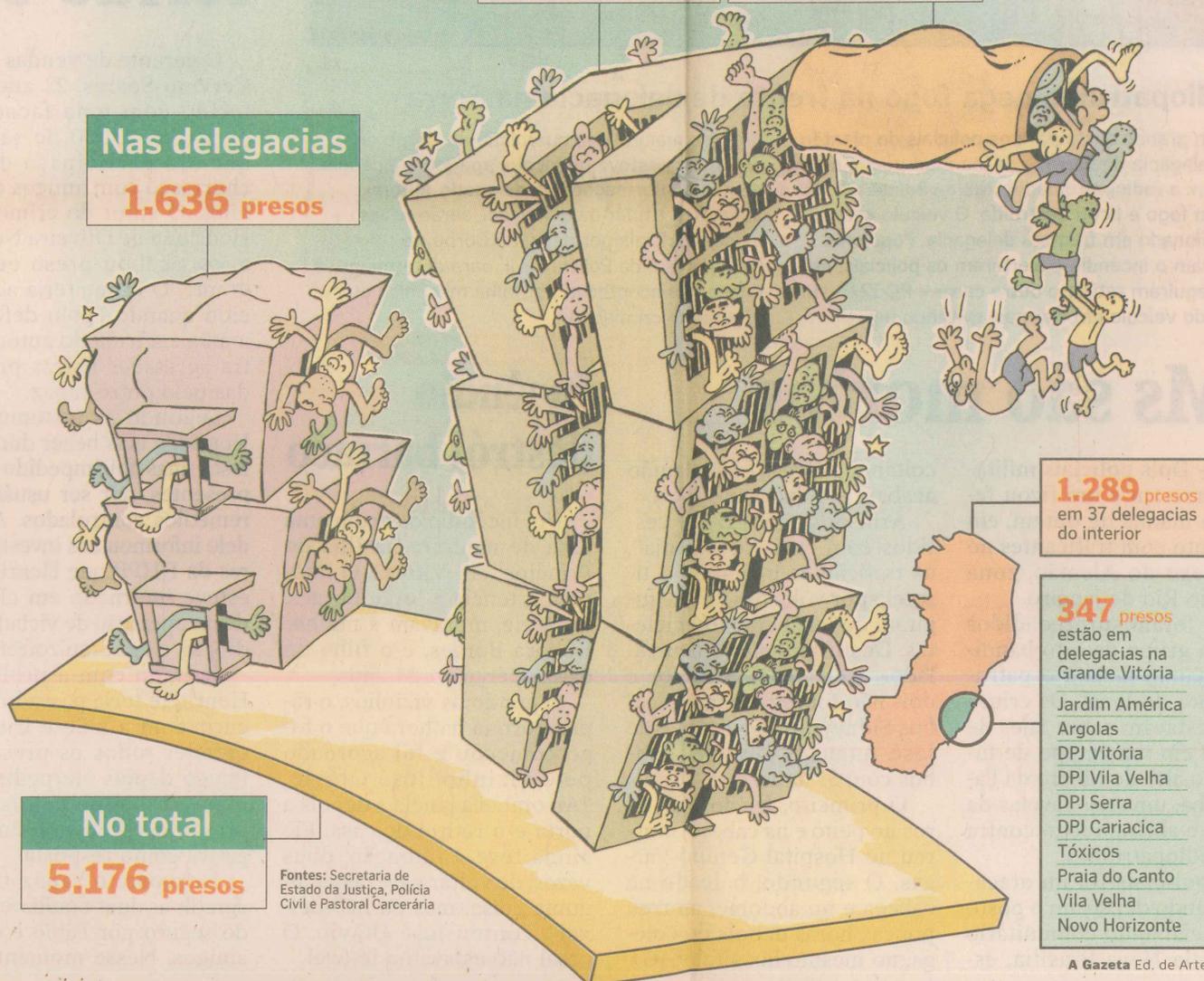
3.551 presos

Superlotação

875 presos

Nas delegacias

1.636 presos



No total

5.176 presos

Fontes: Secretaria de Estado da Justiça, Polícia Civil e Pastoral Carcerária

1.289 presos em 37 delegacias do interior

347 presos estão em delegacias na Grande Vitória

Jardim América
Argolas
DPJ Vitória
DPJ Vila Velha
DPJ Serra
DPJ Cariacica
Tóxicos
Praia do Canto
Vila Velha
Novo Horizonte